

ABUSO INFANTIL E POSSÍVEIS DANOS NA VIDA ADULTA

Érica Gomes Pinho Pereira Silva¹
Fernanda Bicalho Pereira²

fernandabicalhopereira@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

O abuso sexual infantil é algo que infelizmente está presente em nossa sociedade atualmente, ele ocorre tanto no ambiente familiar, quando no extrafamiliar, sendo que pode ser descoberto na infância ou somente na vida adulta. Tendo em vista esse fenômeno, objetiva-se descrever como ocorre o abuso e quais são os possíveis danos na vida adulta, bem como salienta a importância da família nesse processo, uma vez que ela possui um papel ativo na vida do indivíduo. O método utilizado é a pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica, com o objetivo de analisar a voz da literatura sobre tal assunto. Foram utilizadas as bases de pesquisa Google Acadêmico e Scielo. Destaca a psicoterapia como forma para auxiliar no processo da autonomia do sujeito, apresentando a Gestalt-terapia, uma vez que ela busca respeitar a singularidade de cada indivíduo, bem como a forma lúdica, sendo estes reforçado nos resultados e discussões. Acredita-se que este trabalho irá contribuir para o conhecimento acerca da temática com todas as informações apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso Sexual Infantil, Danos Psicológicos, Consequências, Vida adulta.

INTRODUÇÃO

A violência sexual infantil se caracteriza por um tipo de agressão que envolve ato ou jogos sexuais com adultos de qualquer sexo, afim de obter e utilizar a criança ou adolescente como objeto sexual para uma autossatisfação (PIMENTEL; ARAÚJO, 2006).

Essa inserção de crianças em práticas sexuais é considerada inadequada para seu nível de desenvolvimento, uma vez que são provocadas por um abusador

¹ Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX Matipó-MG.

² Psicóloga. Mestre em Enfermagem. Professora do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX Matipó-MG.

mais adiantado em desenvolvimento psicosssexual. O abusador tende a estimular sexualmente a criança ou a utiliza para obter satisfação sexual (WHO, 2003).

O abuso é caracterizado pela imaturidade das crianças e adolescentes quanto a incapacidade mental e física de dar consentimento as atividades sexuais por falta de compreensão do ato, sendo descrita como uma relação de poder, uma vez que a criança e/ou adolescente é vitimizado (PIMENTEL e ARAÚJO, 2006).

Dentre as violências existentes na sociedade, a violência sexual é a menos denunciada devido as complexidades que ela apresenta e também por muitas das vezes ocorrer no meio familiar. A expressão abuso sexual é utilizada em situações de violência sexual que envolvem crianças e adolescentes, principalmente no que se refere ao foco intrafamiliar (INOUE, 2007).

O abuso pode ocorrer em diferentes contextos, sendo que Melo et al (2015) o define em duas categorias: a extrafamiliar e intrafamiliar. A extrafamiliar ocorre fora do contexto familiar, podendo estar associado a exposição a pornografia e exploração sexual, decorrendo a toques, carícias, sexo oral ou relações com penetração. Já a intrafamiliar refere-se à ocorrência de abusos com pessoas próximas dentro do âmbito familiar, sendo que na maioria das vezes o agressor desempenha um papel de cuidador.

A dinâmica do abuso, seja dentro ou fora da família, é complexa, podendo começar através da confiança e afeto depositados no abusador, sendo que este desempenha um papel de cuidador, confundindo a criança que muita das vezes não identifica a interação como abusiva permanecendo-se em silêncio. Quando essa violência é percebida, as ameaças se tornam um meio para garantir o segredo. Acreditando estar indefesa a criança acredita que é culpada, sentindo medo e vergonha da punição que poderá ocorrer caso revele seu segredo, dessa forma ela tenta se adaptar ao ato abusivo, permanecendo-se em silêncio (HABIGZANG, *et al.*, 2008).

Na análise do abuso estão incluídas as interações (ou os contatos), levando em consideração não só os sintomas e consequências, mas também a interpretação

do microssistema numa abordagem ecológica que apresenta dados da interação familiar, agente da característica da disfuncionalidade dessas famílias, revelando a rede de relações e suas influências na qual a criança é percebida como participante do seu próprio abuso, porém não é responsável por ele (AMAZARRAY e KOLLER, 1998).

O Abuso Sexual Infantil (ASI) é fundamentado em um jogo de poder e conhecimento desiguais, uma vez que, fornece a criança informações equivocadas a respeito do relacionamento entre adultos e crianças. Sendo assim, quando mais velhas entendem que sua confiança e amor foram enganados, diante disso, elas podem apresentar dificuldade em confiar no outro, contribuindo para que haja problemas em seus relacionamentos sociais, afetivos e sexuais ao longo da vida (ABRAPIA, 2002).

Conforme apresenta Ventura (2012), a hipótese para os impactos do ASI está relacionado a diversos fatores, sendo eles: a) Idade da criança no início do abuso – quanto mais nova a criança considera-se maior o impacto, pois sua capacidade de compreensão e suas defesas são menores; b) Idade do ofensor – quanto mais velho, maior a hierarquia de poder; c) Duração dos abusos – quanto maior for o tempo e a frequência, maior será os danos a criança; d) Tipo de vínculo entre criança e ofensor – quanto mais íntima a relação, maior a oposição entre proteção e abuso; e) Ausência ou presença de figuras protetoras – a presença de figuras protetoras e de pessoas que acreditem na criança no momento em que o segredo é revelado diminui os danos psíquicos; f) Impacto da revelação da violência para a família e para a criança – quando a criança é acolhida e sua experiência é validada, os danos são menores. Em contrapartida, se o oposto ocorre e seu apelo é desvalorizado ou ignorado, se a criança é considerada responsável pelo que aconteceu ou obrigam-na a passar por exames mal conduzidos, depoimentos sem fim e acareações com seus agressores, que podem levar a uma nova situação de violência, os danos são maiores.

Segundo Aguiar (2014), a criança é compreendida como uma unidade relacional (criança-outro-mundo), como um ser social em construção, a qual evolui mediante etapas cognitivas, físicas, através das funções de contato: visão, audição, tato, paladar, linguagem, olfato e motilidade corporal. O contato é experienciado por meio da exploração do mundo pela criança. Influenciada pelo mundo e dependente dele para seu desenvolvimento, imersa e submetida a predominância da rede familiar, ela é afetada tanto pela falta quanto pelo excesso de estimulação em seu desenvolvimento, considerando que “as primeiras experiências da criança acontecem dentro do seio familiar” (SILVA, GONTIJO, 2016, p.17).

É através do corpo que a criança experimenta as sensações de prazer e dor, e carrega internamente as sensações de culpa e temor, que interferem no seu senso de realidade e perturbam seu discernimento quanto a ser desejada e amada (ANTONY e ALMEIDA, 2018). O corpo é uma fonte de sensações sentidas pela criança, que emerge do que é dito e também do que não é na relação com o outro, ele torna-se o fundo para a formação da figura de ter sido uma vítima de abuso sexual (PENSO e NEVES, 2008).

A exposição ao abuso sexual na infância pode acarretar em prejuízos a longo prazo (LIRA, 2017). Esses prejuízos podem se manifestar negativamente ao longo da vida, sendo as manifestações mais comuns se apresentam em desempenho escolar inadequado, problemas psicológicos (ansiedade, depressão, tentativas de suicídio, transtorno de estresse pós-traumático) e relacionamentos interpessoais (FORNARI, 2018). Além desses podem se apresentar baixa autoestima, raiva e hostilidade deprimidas, dificuldades no sono e comportamento sexual anormal, transtornos alimentares, além de medo, vergonha sem explicações lógicas e em casos de abuso crônico, pode provocar alterações cerebrais permanentes (TEICHER, 2001).

Tendo em vista a atualidade do tema, o objetivo desse trabalho é descrever como o abuso infantil pode trazer consequências a longo prazo para aqueles que o vivenciaram. Trabalhos como esse são importantes para que se compreenda como

o abuso infantil pode acarretar em prejuízos e como este sendo descoberto mais cedo pode impedir sérios prejuízos para adultos futuramente.

METODOLOGIA

Para este estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa, estudo bibliográfico, com revisão de literatura, contendo a finalidade de levantar dados investigados anteriormente em outros artigos, onde se faz a análise de literatura, podendo este se tornar uma nova ferramenta para estudos futuros. Conforme apresenta Gil (2012, p. 50):

Pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científico [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Dalfovo (2008, p. 06) ressalta que:

“A pesquisa qualitativa, por sua vez, descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades do indivíduo”

Este estudo seguiu os passos necessários para a pesquisa, começando pela seleção dos artigos referentes ao tema proposto. Foram selecionados 11 artigos, estes artigos foram publicados entre 2018 e 2021. Os critérios de seleção se basearam em artigos que contribuíam para o tema proposto do artigo, já os critérios de exclusão se baseou no fato daqueles artigos que não se encaixavam com a temática.

Foram utilizadas as bases de dados Scielo e Google Acadêmico, a pesquisa teve início em maio de 2022, sendo que os buscadores utilizados foram: abuso infantil, abuso infantil e reflexo na vida adulta, abuso físico infantil e psicologia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Aguiar (2015, p. 55), a infância é definida como um “determinado momento do crescimento humano no qual o ritmo das aquisições e transformações é mais frequente e acelerado, fazendo desse período palco de constantes desafios e inúmeros ajustamentos criativos”.

Para que a criança entenda o que é abuso sexual, é necessário que ela reconheça suas partes íntimas ou órgãos genitais. A criança deve ser alertada de que nenhuma pessoa pode ou deve tocar suas partes íntimas, seja para fazer “carinho” ou qualquer outra coisa, reforçando que caso venha ocorrer, ela não deve se calar deixando que a machuquem ou as façam sentir culpadas, a culpa nunca é da vítima. Recorre-se a conscientização das crianças para que tenham voz, saibam a quem recorrer em casos de violência sexual, é importante eles terem o poder de voz ativo, bem como se sentirem confiantes na decisão de denunciar o abuso (OLIVEIRA, FREITAS, CASTRO, SILVA, 2020).

A Gestalt-terapia vê a criança enquanto uma totalidade, a compreendendo a partir de sua singularidade e relação com o meio. A criança é percebida como um ser integrado, corpo-mente, onde seu pensar, sentir e agir, assim como a mente, seu corpo e suas manifestações são partes de um todo. O organismo é um todo unificado, e como todo, ele é afetado de forma total quando sua fronteira é ultrapassada, da mesma forma, se ajusta de forma total para lidar com tal afetação. Alguns autores explicam que quando ocorre o abuso sexual, a criança sofre uma espécie de fragmentação nesse todo unificado, fazendo com que de algum modo corpo-mente se rompam (ANTONY; ALMEIDA, 2018; JUNQUEIRA, 2018), sendo assim, Antony e Almeida (2018) ressaltam que situações traumáticas, como o abuso infantil, provocam uma fragmentação da totalidade integrada da personalidade da criança, fazendo com que sua estrutura psíquica sentir-pensar-agir se rompa e funcione de modo desconexo e incoerente.

O blog Zamenza, criado por Sérgio Santos, apresenta a novela O Outro Lado do Paraíso, escrita por Walcyr Carrasco, retrata o abuso sexual que Laura (Bella Piero) sofreu pelo padrasto. Tudo começa quando a mesma fica em choque ao ter

que ter relações com seu marido após o casamento, o momento mais forte, foi quando Laura-o expulsa da cama, o empurrando para o chão, após um surto de pânico. Ao conversar com uma amiga, cogitando se separar do marido, essa a aconselha a se submeter a sessões de hipnose. Durante essas sessões, Laura resgata a memória que havia sido bloqueada pelo trauma, lembrando assim, toda a violência sofrida. Além das violências físicas, Laura afirmou que seu padrasto também a torturava com ameaças para manter os estupros em segredo “eu era só uma menina, mas cê me agarrou quando eu brincava com as tartaruguinhas. Me molestou... eu não te suportava, porque quando eu era uma menina, cê me agarrou, abusou e me ameaçava de morte”.

A forma como um abuso pode afetar a vida de um indivíduo é expressada na novela, o autor ainda inseriu um outro fator aterrorizante: o medo que Laura sentia de tartaruga, incluindo bichos de pelúcia, fazendo-se referência com o fato de o padrasto a abusar dela perto de um tanque de tartarugas em que a família tinha na época

A repercussão na vida adulta na maioria das vezes se apresenta de forma negativa, uma vez que, devido a vítima sofrer mudanças psicológicas que alteram a convivência no dia a dia, entre amigos, família e futuros relacionamentos. O convívio familiar é afetado desde que a violência é iniciada, o que pode causar afastamento da pessoa com a família. As lembranças não são passageiras e são difíceis de serem superadas, podendo acarretar em comportamentos intensificados de medo e raiva (LIRA, 2017).

Segundo Marras (2020), quando o abuso ocorre com uma criança e se o ofensor for algum parente, a criança pode reagir assumindo a culpa a fim de preservar o relacionamento (ser uma criança má faz com que ela se sinta melhor do que ter um pai ou mãe perigosos). No entanto, a reação ao trauma permanece ativa e pode levar a um fracasso educacional, a um comportamento agressivo ou retraído e até a automutilação. Na maturidade, essas crianças podem até ter dificuldade de

formar relacionamentos em que exista confiança e segurança, e mantém limites interpessoais seguros e estados emocionais que se autorregulam.

Blanchard (1996, p. 07), descreve o processo psíquico desenvolvido pela criança após o corpo ser violentado e assim maculado:

Ter vivido um trauma físico e psicológico faz com que a vítima questione sua capacidade de defender-se. Ela aprende a odiar seu corpo, porque ele a faz lembrar de más experiências. Ela tem respostas dissociadas, apresenta dificuldade de intimidade e é emocionalmente distante. Ela aprende que não pode controlar seu corpo e que outra pessoa pode tocá-la sem o seu consentimento. Ela não confia na sua memória, nos seus pensamentos e no seu senso de realidade.

Quanto mais repetido for o abuso sexual na infância e, mais íntimo da família for o agressor, maior é o dano emocional (ANTONY, ALMEIDA, 2018).

Summit (1983), com o intuito de descrever o imenso conflito psicológico vivido pela criança, apresenta cinco categorias explicando a síndrome da acomodação. Esta se trata de um conjunto de comportamentos desenvolvidos pela criança para lidar com a experiência traumática intolerável da violência sexual no contexto intrafamiliar, sendo elas: o sigilo, o desamparo, o aprisionamento, a revelação tardia e a retratação.

Conforme explicam Antony e Almeida (2018), o sigilo, se refere ao segredo que é mantido devido as ameaças feitas. É fonte de medo e pseudosseguurança, que gera vários sentimentos em relação ao abuso. O sentimento de desamparo surge diante do não acolhimento da revelação por parte dos responsáveis, sendo assim, a criança sofre um duplo-trauma, o evento traumático do abuso sexual em si e o do não reconhecimento do abuso por parte das figuras responsáveis, que deveriam lhe dar o suporte necessário. O aprisionamento está ligado ao fato de a criança ao tentar revelar o segredo ou está há muito tempo sendo submetida a abusos, ela passa a ver como única opção aprender a aceitar passivamente a situação, tentando compreender melhor o que ocorre, procura descobrir se a mesma situação ocorre com as amigas da mesma faixa etária, vendo que o mesmo não ocorre, vai tomando consciência de que algo está errado, porém é difícil para ela

aceitar o fato abusivo, por não querer pensar em seu pai como mau. A revelação tardia, em alguns casos as vítimas não revelam que sofreram abusos ao longo dos anos, há casos em que a violência é somente revelada na adolescência, em que ao desenvolver o senso de autonomia, este se dá conta de tudo o que ocorreu, quando é revelado somente na vida adulta, acarreta em danos emocionais significativos, na vida afetiva, social e sexual. Retratação, caso não haja uma intervenção eficaz perante a situação abusiva, a criança pode vir a se retratar, ou seja, a criança afirma que mentiu quanto a tudo o que ocorreu, recaindo sobre a criança a responsabilidade de salvar ou destruir a família (SUMMIT, 1998).

Rezende (2013) descreve como consequências a curto prazo do abuso sexual, a criança pode ter problemas físicos que envolverão pesadelos, problemas para dormir e mudança nos hábitos alimentares; problemas comportamentais, apresentando condutas suicidas, autoflagelação e hiperatividade; problemas emocionais, onde a criança, poderá sentir medo, ansiedade, depressão, isolamento e baixa-estima; e problemas sexuais, que consistem em masturbação compulsiva, no conhecimento sexual precoce e problemas de identidade sexual. Já nas consequências a longo prazo, o sujeito pode apresentar problemas comportamentais tentando suicídio, consumindo drogas e apresentando transtornos de identidade, também pode ter dificuldades de vínculo afetivo, sentir-se isolado e problemas de relação interpessoal, além de sofrer com depressão, submissão, ansiedade e dificuldade para expressar sentimentos e, também pode ocorrer da vítima ter um comportamento sexual compulsivo.

A partir do(s) impacto(s) gerado(s), a psicoterapia se torna um fator considerado necessário para auxiliar no tratamento de vítimas de abuso sexual infantil. Conforme apresenta Cogo *et al.* (2011), esse atendimento psicológico é de extrema relevância e ressalta a necessidade de cada criança, onde o fenômeno não pode ser generalizado, por se tratar de uma experiência subjetiva.

Cabe ao terapeuta fortalecer as fronteiras de contato, definir os papéis de cada um na organização familiar, reforçando o princípio de que “amar é cuidar”, com

orientações comportamentais claras sobre contatos corporais, expressões afetivas carinhosas, responsabilidade quanto à segurança e bem-estar da criança, de modo que possam ocupar verdadeiramente o lugar de educadores e protetores (ANTONY e ALMEIDA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante todo o exposto, fica claro que o abuso sofrido na infância pode acarretar em diversos traumas ao longo da vida, sendo que cada adulto irá reagir de uma forma considerando tudo o que aconteceu.

Vale ressaltar que a forma como a família age com a descoberta do abuso é importante para a criança, uma vez que é necessário ajudar a mesma no processo de compreensão que ela não é culpada por tudo o que ocorreu. É importante acrescentar que, quanto mais cedo este for descoberto e interrompido, possivelmente menor será o dano futuro.

Além do apoio familiar, a psicoterapia se apresenta como um recurso fundamental para auxiliar as vítimas. Quando criança a forma lúdica é um meio fundamental para auxiliar no tratamento e quando adolescente/adulto, pode se usar de outros meios, reforçando sempre que a vítima nunca tem culpa. É importante compreender o fenômeno, como ele ocorreu e como ele foi se integrando ao longo da vida do sujeito, bem como, a importância da Gestalt-terapia, uma vez que ela irá reconstruir os contatos interrompidos, respeitando a singularidade da experiência de cada indivíduo, respeitando seus limites, auxiliando da melhor forma o contato do indivíduo com Gestalten abertas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. **Gestalt Terapia com Crianças: Teoria e Prática**: 3ed, São Paulo, Summus, 2015.

Aguiar, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. Rio de Janeiro, Livro Pleno, 2014.

AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns Aspectos Observados no Desenvolvimento de Crianças Vítimas de Abuso Sexual. **Revista Psicologia e Reflexão Crítica** [online], vol. 11, n.3, pp. 559-578. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01029721998000300014&script=sci_abstract&tlng=pt) (interrogação)

ANTONY, S. M. R., ALMEIDA, E. M. Vítimas de violência sexual intrafamiliar: uma abordagem gestáltica. **Revista do NUFEN**, 2018.

COGO, K. S. et al. Consequências psicológicas do abuso sexual infantil. **Revista Unoesc e Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 2, n. 2, p. 130-139, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://files.core.ac.uk/pdf/12703/235124693.pdf>, acesso em 04 de julho, 2022.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. ISSN 1980-7031. Blumenau-SC, 2008.

FORNARI, L. F. *et al.* Gender and generation perspectives in the narratives of sexually abused women in childhood. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, São Paulo, nov. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/DcsWXQ8LXWkzVLXRh3cC4ty/> (interrogação)lang=em.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed., 5. Reimpr, São Paulo: Atlas, 2012.

HABIGZANG, L. F. *et al.* Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência. **Revista Psicologia e Reflexão Crítica**, vol. 21, no. 2, p. 338-344, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n2/a21v2n2.pdf>.

INOUE, S. R. V. **Violência Sexual Contra a Criança: Significações e Estratégias de Enfrentamento Adotadas Pelas Mães**. Dissertação de mestrado em Psicologia apresentado à Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2007. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/silvia_viodres.pdf.

LIRA, M. O. S. C., et al. **Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta**. Texto e Contexto Enfermagem, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Fq8Cg6F7bcbZRNhxFqKTMTR/INTERROGAÇÃOlang=pt>.

MARRAS, Margaret. **Angústias contemporâneas e Gestalt-terapia**. Summus Editorial, São Paulo, 2020.

MELO, T. F., *et al.* Abuso sexual e seus possíveis efeitos no desenvolvimento da criança e do adolescente. Novembro 2015.

OLIVEIRA, Milena Camill Cardoso Gomes; FREITAS, Daiane Ferreira; CASTRO, Kessll Monteiro; SILVA, Gilmara Belmiro. Abuso sexual infantil. **Monumenta – Revista Científica Multidisciplinar**, Paraíso do Norte-PR, v.1, n.1, p. 25-44, maio 2020. Disponível em:

<https://revistaunibf.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/5>, acesso em 04 de julho de 2022.

PENSO, A.; NEVES, V. Abuso Sexual Infantil. **Revista In Penso**, São Paulo, 2008.

PIMENTEL, A. e ARAÚJO, L. S. Violência Sexual Intrafamiliar. **Revista Paraense de Medicina**, v.20, julho-setembro, p. 39-41, Pará, 2006. Disponível em: <https://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/rpm/v20n3/v20n3a08.pdf>.

SILVA, T. R.; GONTIJO, C. S. Família e o Desenvolvimento Infantil Sob a Ótica da Gestalt-Terapia. *Revista IGT na Rede*, v.13, n.24, p. 15-36, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v13n24a03.pdf>.

SUMMIT, R. C. The child sexual abuse accommodation syndrome. **Child Abuse e Neglect**, v.7, 2ª ed, p. 177-193, 1983. Disponível em: [10.1016/0145-2134\(83\)90070-4](https://doi.org/10.1016/0145-2134(83)90070-4).

VENTURA, R. N. **Caso complexo Wilson: Fundamentação Teórica do Abuso Sexual na Criança** [Apostila da Especialização da Saúde da Família]. Universidade Aberta do SUS. Universidade Federal de São Paulo, 2012.

World Health Organization – WHO. **Guidelines for medico-legal care for victims of sexual violence**. Geneva, 2003.